

SUL DO BRASIL EM ARMAS: TABAJARA RUAS E *MINUANO*

Thiago Alves Valente¹
Julierme Rabello de Souza²

RESUMO

O presente artigo traz uma breve análise do romance *Minuano* (2014) do escritor gaúcho Tabajara Ruas (1942-), publicado pela editora BesouroBox. No contexto da literatura juvenil brasileira, a narrativa é abordada tanto sob o enfoque temático – voltado para a presença do conflito armado em textos para jovens leitores – quanto para componentes estéticos – considerado a partir de aspectos como intertextos e diálogo com fatos históricos. Como aporte teórico, recorreremos a estudos de Cruvinel (2009), Lajolo e Zilberman (1999), Martha (2008) e (2011), Souza (2015), Cotrim (1999) e Pasavento (1990), entre outros.

Palavras-chave: Literatura; Guerra; Tabajara Ruas.

Introdução

O escritor e cineasta Tabajara Ruas nasceu em 1942, na cidade de Uruguaiiana, no Rio Grande do Sul. Seus livros já foram publicados por diversas casas editoriais, algumas reconhecidas em todo território nacional como as editoras Record³ e LP&M⁴. Seus romances voltados ao público adulto, alguns até premiados, já foram alvos de estudos acadêmicos e renderam dissertações, principalmente romances históricos como *Os varões assinalados* (1985) e *Netto perde sua alma* (1995). Aliado a isso, outro dado que torna evidente o reconhecimento de sua produção literária por parte da crítica é a afirmação de Rizzon:

Na atualidade, entre outros escritores, Tabajara Ruas é um dos que, resgatando personagens e acontecimentos da história, tem apresentado romances que, no diálogo com as tradições literárias e históricas, conferem questionamentos a visões consagradas, realizando, assim, a construção de um regionalismo revigorado, pois sua produção infere outras possibilidades na percepção do passado (RIZZON, 2011, p. 45).

¹ Professor Associado do Curso de Letras Português-Inglês, do Centro de Letras, Comunicação e Artes (CLCA), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Membro dos grupos de pesquisa Leitura e Literatura na Escola (Unesp) e Crítica e Recepção Literária (Uenp).

² Aluno do Curso de Letras Português-Inglês, do Centro de Letras, Comunicação e Artes (CLCA), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

³Página do autor no site da editora: <https://www.record.com.br/autores/tabajara-ruas/>. Acesso em: 27 mai. 2020.

⁴Página do autor no site da editora: <https://bit.ly/3fvJAdM>. Acesso em: 27 mai. 2020.

Em 2014, Tabajara Ruas lançou um romance histórico que se pretendia destinado ao público infantojuvenil. Em 09 de junho de 2014, o site GaúchaZH⁵ escreveu que “Tabajara Ruas escolheu um ponto de vista singular para apresentar a Revolução Farroupilha aos jovens. Em *Minuano*, um cavalo crioulo conta como viu o conflito que se iniciou em 1835 e se estendeu por 10 anos”. A análise desta obra torna-se relevante por estar inserida no circuito de produção caracterizado como “juvenil”, o que, por sua vez, implica um olhar sobre a qualidade da narrativa veiculada a jovens leitores, dentro os quais uma fatia considerável, se não a maior parte, é de público escolar.

Sobre essa produção literária muitas vezes marcada pela circulação dentro da escola, os apontamentos de Alice Áurea Penteadó Martha, em artigo de 2008, continuam pertinentes, pois, mesmo com a recente suspensão de maiores investimentos por parte do governo federal para compra de livros para bibliotecas escolares, é fato que o “mercado editorial volta-se a esse público, oferta produções diferenciadas, com grande quantidade de publicações” e os livros “apresentam marcas formais e temáticas diversificadas, apropriadas à faixa etária de seus leitores e inerentes ao contexto sociocultural em que transitam autores e receptores” (MARTHA, 2008, p. 2). Essa produção contemporânea trabalha com técnicas narrativas de maior complexidade, sua linguagem questiona normas e convenções e aborda assuntos que no passado não eram abordados em livros destinados ao público jovem, como a violência e a morte, destaca a autora (2011, p. 2).

Minuano

Em *Minuano* (2014) Ruas nos apresenta um cavalo novo que vive em uma estância do Rio Grande do Sul com seus pais e tem como maior medo o leão baio que o atacara quando ele é ainda um filhote. Quando a Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha⁶ eclode,

⁵Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/06/Tabajara-Ruas-lanca-o-romance-juvenil-Minuano-na-segunda-feira-4521267.html>. Acesso em: 15 out. 2020.

⁶Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha foi como ficou conhecida a revolução ou guerra regional, de caráter republicano, contra o governo imperial do Brasil, na então província de São Pedro do Rio Grande do Sul, e que resultou na declaração de independência da província como estado republicano, dando origem à República Rio-Grandense. Estendeu-se de 20 de setembro de 1835 a 1 de março de 1845. Disponível em: <https://m.brasilecola.uol.com.br/historiab/revolucao-farroupilha.htm>. Acesso em: 10 set. 2020.

todos os outros cavalos da fazenda são enviados para auxiliar as tropas, menos Minuano que tem uma perna defeituosa, decorrente do ataque do leão.

Porém, quando o general Bento Gonçalves surge pedindo a ajuda de Dona, ela entrega Minuano para levar o general até a frente de batalha. O cavaleiro e o general seguem viagem juntos e, no caminho, Minuano vai descobrindo o mundo além das cercanias da estância. Chegando à frente de batalha, Minuano começa a ajudar os soldados carregando água. Mesmo não participando dos conflitos ele vê o que a guerra dos homens causa aos próprios homens e também aos animais.

Minuano, então, é colocado para servir no Corpo de Lanceiros Negros e conhece Djinga. A moça cheia de ideias e segredos tem como missão pessoal resgatar outros negros da estância de um marquês. Minuano parte com ela nessa jornada. Juntos, tiram os negros da estância, seguindo, posteriormente, com o exército ainda em batalha. A situação torna-se mais trágica quando, em uma noite, acabam surpreendidos pelo exército inimigo. A narrativa chega ao fim com os sobreviventes do massacre retirando-se entre bosques, partindo para um quilombo.

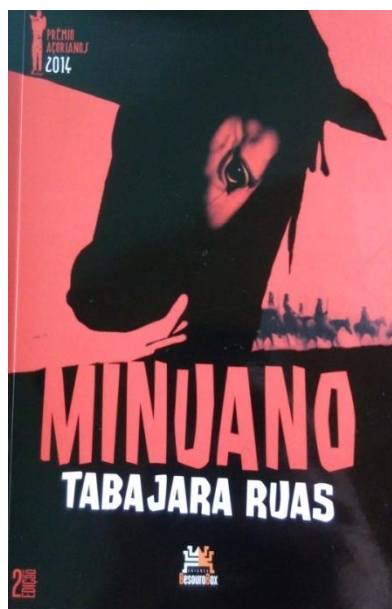
Com *Minuano*, Tabajara Ruas faz um retorno aos eventos da Guerra dos Farrapos, tema já abordado em *Os varões assinalados* (1985), um de seus trabalhos mais reconhecidos. Nesta obra, Ruas busca o épico das batalhas, a bravura dos homens e a coragem que demonstraram ao desafiar a soberania da Corte, o que a historiadora Sandra Jatahy Pasavento pontua em seu estudo sobre a Revolução Farroupilha referindo-se à Guerra dos Farrapos como aquela que: “tornou-se o símbolo do espírito de bravura do povo gaúcho e de suas ‘tendências libertárias’. Quanto a seus principais vultos, converteram-se nos exemplos mais representativos da ‘raça’ gaúcha, tais como altivez, coragem, desprendimento” (PASAVENTO, 1990, p. 03).

Já em *Minuano* (2014), Ruas tira os holofotes dos grandes senhores da guerra para olhar o conflito por meio da ótica de um cavaleiro renco, suas dificuldades e superações em meio aos lances do conflito armado que, segundo Cotrim (1999, p. 203), “foi a mais longa revolta brasileira” quando se destacaram “entre os principais líderes farroupilhas, Bento Gonçalves, Davi Canabarro e José Garibaldi” (COTRIM, 1999, p.203). Em *Minuano* (2014) Bento Gonçalves tem destaque. Além de ser ele quem leva Minuano até os campos de batalha, o cavaleiro também passa a nutrir grande admiração pelo general o que faz com que se

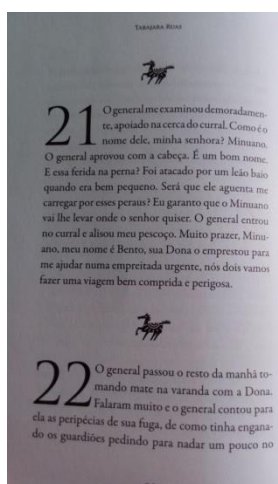
interesse pelas ações em que Bento Gonçalves está envolvido e, assim, o leitor tem um contato mais próximo com esse líder militar de um momento da história brasileira.

Essa opção de ponto de vista sobre o desenrolar das batalhas é elemento central quanto à estrutura narrativa da obra. O olhar mais íntimo para a personagem é uma característica marcante nesta narrativa, vindo ao encontro da colocação de Larissa Cruvinel (2009, p. 24) de que escritores contemporâneos, escrevendo para a juventude, “se preocupam em abordar os meandros da vida íntima do jovem, narrando seu amadurecimento pelos embates com os conflitos que vivencia” (CRUVINEL, 2009, p.24).

Aliado a isso, Raquel Cristina de Souza e Souza afirma que obras infantojuvenis “contam com projeto gráfico especialmente pensado para atrair essa faixa etária” (SOUZA, 2015, p.17). O livro conta com onze imagens que complementam o sentido do texto verbal. Já no primeiro capítulo a imagem da cabeça de um leão aparece ameaçadora sobre a figura de um pequeno cavalo. Segundo Vera Teixeira de Aguiar imagens “nos conectam com o mundo e são, [...], produções espaciais, criadoras de um sentido de totalidade” (AGUIAR, 2004, p. 32). Maria Cabral da Silva e Josiane de Souza Soares (2020, p. 148), por sua vez, pontuam que a materialidade do livro confere valor comercial, expande os efeitos de sentidos do texto, sugere ritmos de leitura e, também, pode influenciar na forma como o livro é manuseado.



No projeto gráfico de *Minuano* (2014), assinado por Marco Cena, nota-se que o trabalho foi pensado para cativar e estimular o jovem leitor, pois entre cada capítulo existe um pequeno decalque em forma de cavalo em marcha que vai ganhando ritmo de acordo com o avanço da narrativa. Se arriscarmos relacionar o cavalgar com o ritmo da leitura, teremos um convite de continuidade da leitura que acena para uma história cada vez mais intensa. Para isso, também contribui a distribuição dos capítulos, sempre curtos e concisos, o que vem ao encontro desse ritmo.



Quanto à linguagem da narrativa de Ruas, a norma padrão é predominante. Em coerência com a proposta de um relato mais dinâmico, o autor emprega frases curtas para expressar a tensão dos personagens em trechos como: “Uma semana depois, nos aproximamos de Viamão. O dia estava amanhecendo. Atravessamos um riacho com leito escorregadio, quando ouvimos vozes. [...]. As vozes vinham de um acampamento. Poderiam ser os imperiais ou os farrapos” (RUAS, 2014, p. 47).

De acordo com Cruvinel, “narrativas juvenis frequentemente abordam o amadurecimento do ente ficcional para a vida, de modo que, ao final da narrativa, o protagonista alcança um acréscimo de experiência” (CRUVINEL, 2009, p.21). Isso ocorre com Minuano. A jornada iniciada a pedido de Bento Gonçalves é o que insere o jovem cavalo no meio do conflito dos farrapos, uma jornada de amadurecimento.

A ideia, pois, de um animal narrar suas aventuras entremeadas a acontecimentos históricos não é nova entre literatos, cineastas, dramaturgo. Segundo Souza, a “convenção e o clichê podem, sim, servir de isca e atrativo ao jovem” (SOUZA, 2015, p.83). A correlação

entre descobrir o mundo por parte do animal e as descobertas de um jovem humano é evidente. A busca de compreender a brutalidade do mundo em que se encontra inserido marca um discurso problematizador, convidativo para com um possível leitor também jovem:

Aquela guerra era uma guerra muito estranha. Tentávamos entender o que acontecia, [...]. Dizem que essa guerra foi por causa do imposto sobre o charque. Não acredito numa coisa tão ridícula. Escutei muitos discursos falando em república e abolição, a maioria pura lorota, mas nunca ouvi nenhum político de cartola e colarinho alto ou um desses oficiais cheios de medalhas encherem o peito e conchamar os soldados a morrer lutando contra o imposto sobre o charque. Precisa ser muito idiota para ir morrer por uma coisa dessas. Não existe heroísmo nenhum na guerra, só dor e desespero. Encontrei muitos pobres soldados carregados de medalhas [...] entupidos de discursos empolados, mas faltando um pedaço da perna ou um olho, [...]. A guerra, e peço licença para dizer isso bem claro, a guerra é uma boa bosta. Só idiotas vão para a guerra (RUAS, 2014, p. 70-71).

O discurso de Minuano é notoriamente contrário à guerra. Por seu olhar, o leitor é chamado a perceber o conflito armado como condenável, colocando em xeque a racionalidade humana. A forma como Ruas trata os eventos de uma guerra, concomitante aos problemas enfrentados por Minuano, o que tende a aproximar o texto de seu público alvo. Cruvinel afirma que na literatura juvenil “temas de todos os tempos, como a morte, o amor, a perda, são abordados a partir de um olhar do jovem” (2009, p. 25). O texto literário, assim, é tecido de expedientes propícios ao diálogo com seu público no que tange a uma visada pacifista. Essa se constrói a partir de uma metáfora de jovem, qual seja, a do personagem animal cujo estatuto encontra-se muito próximo ao do jovem humano. Em ambos os casos, a inquietação do olhar daqueles que não dominam as regras do mundo social é acompanhada pelo fato de não deterem o poder de escolha.

Enquanto elemento estruturante da obra, essa aproximação metafórica permite ao autor inserir questões como a escravidão sem esbarrar em uma anacronia, pois o estranhamento advém de um animal, não de um humano: “Os negros eram como os cavalos. Quando não serviam mais para o trabalho ou para a guerra eram abandonados, descartados ou abatidos” (RUAS, 2014, p. 65). Nessa sintonia, sobre o estar “novo” em um mundo antigo, o personagem humanizado vai lançando reflexões contemporâneas ao fato histórico distante do leitor de hoje:

O sargento mal me olhou e já foi dizendo, esse crioulo rengo vai carregar água para os soldados, e assim me botaram nas costas duas cestas trançadas de

cordas e, dentro delas, barricadas com água. **Eu não sabia que era crioulo, me chamar disso foi uma surpresa e eu fui sabendo depois, pouco a pouco, o que era ser crioulo.** O trabalho que me deram era pesado, [...]. Várias vezes, quando cochilava com o mormaço bárbaro que fazia depois do meio-dia, me despertavam com o grito de Minuaaaano, aqui! E lá ia eu, [...]. Só o sargento nunca me chamou pelo nome, para ele, eu era sempre o crioulo rengo. (RUAS, 2014, p. 51-52, grifo nosso).

É importante lembrar que o expediente de recorrer a animais para lhes dar voz e discurso humanos encontra-se em tempos imemoriais da literatura. Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999, p. 20) as histórias fantásticas e as histórias de aventura são dois dos traços que mais agradam aos leitores juvenis de todos os tempos – as fábulas greco-latinas estão ainda vívidas, no meio escolar, como gênero literário obrigatório.

A narrativa de *Minuano*, assim, é repleta de personagens que figuram a permanência dos dilemas humanos ao longo da história, como se vê, logo no início, por meio das palavras do protagonista que, ainda, não divide a narrativa com Bento Gonçalves:

Eu tinha vários tipos de medo. Do escuro, com toda a certeza. Tinha medo do frio que fazia naquelas alturas e que queimava a grama, [...]. Tinha medo do domador e do seu rebenque, que tinha uma argola de prata no cabo. Tinha medo de Altivo, que era o cavalo mais forte e mais brabo de toda a estância e de quem até o domador tinha medo. Mas, de verdade, medo mesmo, eu tinha medo era do leão baio. (RUAS, 2014, p. 7)

É possível compreender os medos de Minuano como medos da juventude, principalmente se trocarmos o “domador e seu rebenque” por um adulto exercendo alguma forma de violência – “o cavalo mais forte e mais brabo”, o “leão baio”. No decorrer da narrativa, Minuano vai superando alguns desses medos e também suas limitações. Exemplo marcante é o momento em que ele passa por uma nova experiência que faz brotar outro tipo de medo. Logo após um conflito entre os farrapos e os imperiais, os soldados queimam as pilhas de corpos de homens e cavalos que morreram no confronto e Minuano observa a cena:

Formaram um monte de cavalos e homens mortos mais alto do que o palácio do governo de Piratini. Depois botaram fogo. Subiu para o céu vermelho aquela tira de fogo vermelho que parecia dançar. [...]. O cheiro da carne queimada daquelas centenas de homens e cavalos mortos ainda me acompanha, ainda surge de repente numa ponta da memória e me faz estremecer. [...]. Desde esse dia, comecei a ter mais medo de homem do que de leão baio (RUAS, 2014, p. 62).

Como aponta Cruvinel (2009, p. 24), Ruas revela-se inserido na tendência de outros escritores contemporâneos de optarem pelo relato de um processo de amadurecimento por meio de embates. No romance de Ruas, em meio aos conflitos de uma guerra, a mudança dos medos da infância para os medos da vida adulta vai se moldando a cada novo acontecimento presenciado ou vivenciado pelo protagonista. Nesse sentido, a compreensão sobre a guerra como acontecimento humano torna-se fundamental como ponto de inflexão do senso crítico do jovem leitor, convidado a refletir sobre a vida e as escolhas dos homens.

Eu e Djinga e a Moura e Fatumbi e o Gavião e os dois potrinhos e o grosso do sargento e mais uns quarenta guerreiros conseguimos escapar de alguma maneira. Não sei como. Nenhum de nós sabe como. Em farrapos. Sangrando. Brandindo as armas, despejando os revólveres, atropelando com as lanças. Corremos desesperadamente. Rompemos o maldito cerco. Infiltramo-nos no bosque próximo. Não paramos de correr. Gritando. Chorando. [...]. Até cair, exaustos. E dormir (RUAS, 2014, p. 95).

A voz de Minuano revela o espanto perante a violência injustificada. Um certo tom de confiança leva às constatações sobre a vida cercada pelos ditames sociais, não pelo viver livre e natural. Segundo Cruvinel, nos livros para a juventude, a “focalização sobre a personagem, abordando as peripécias centradas na vida íntima, também ajuda na aproximação do leitor com a história narrada” (CRUVINEL, 2009, p.27). O estatuto de novato ou pequeno percorre o texto, corroborando a ideia de um olhar virginal diante da contaminação da ambição humana: “Uma noite, no curral, [...], não aguentei e tive a fraqueza de contar para os outros que tinha atravessado metade do Rio Grande levando o general [...] por trilhas secretas e perigosas. Servi de palhaço para eles o resto da semana” (RUAS, 2014, p.52).

Aquele tom de confiança, de troca de experiências subjetivas, sustenta-se pelo emprego de estruturas verbais adequadas ao controle do ritmo narrativo. Por vezes a narrativa de Minuano inicia-se por meio de sumário: “Transcorreram alguns dias de cansativa retirada, através dos bosques e dos caminhos mais difíceis” (RUAS, 2014, p. 98), e logo em seguida insere-se uma cena: “Carregávamos o Gavião cada vez mais pálido e exangue, quando os mensageiros nos alcançaram, exultantes. A guerra terminou, a guerra terminou, proclamavam do alto de seus cavalos velozes” (RUAS, 2014, p. 98). Assim, a narrativa avança com Minuano trocando comentários vívidos e envolventes com o leitor. O recurso aos trechos mais

descritivos, a cena, proporciona a sensação que aproxima ainda mais o leitor da personagem principal e do mundo ao seu redor.

Há, portanto, um discurso pacifista cujo ponto de partida está justamente na exposição de um olhar primaveril sobre um mundo mergulhado no caos. A confiança de estar assustado frente ao desconhecido auxilia no entendimento do romance como destinado ao público jovem: “as obras juvenis [...] se valem de algumas estratégias, como a predominância de um eu narrador que fala em tom de confiança ao leitor, como se fosse um amigo próximo que compartilha, aqui e agora, suas experiências” (CRUVINEL, 2009, p. 27).

Ao final da jornada

No mesmo ano de seu lançamento, *Minuano* alcançou um lugar de destaque no circuito de obras destinadas aos jovens leitores ao vencer o Prêmio Açorianos 2014 na categoria Infantojuvenil.

Como se vê, Tabajara Ruas realiza uma produção que aborda fatos históricos identitários do Rio Grande do Sul. Ao optar por um personagem animal posto a serviço de um personagem histórico, busca recursos em uma tradição literária bastante conhecida, sem deixar de empreender um traço de originalidade quanto à escolha do romance histórico como parâmetro de elaboração ficcional. Nesse sentido, embora os discursos do jovem cavalo remetam o leitor a posicionamentos comuns sobre os conflitos bélicos, também proporciona um olhar minimante crítico a respeito da “guerra” como um fazer humano ou mesmo um modo de estar no mundo posto sob a luz do questionamento de novas gerações. São elas, pois, que a literatura juvenil não perde de vista: “obras sempre antecipam a presença do seu receptor – algumas de forma mais deliberada que outras, como é o caso da literatura juvenil” (SOUZA, 2015, p.90).

Referências:

AGUIAR, V. T. *O verbal e o não verbal*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2004.

COTRIM, G. *História do Brasil: um olhar crítico*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CRUVINEL, L. W. F. *Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística da Faculdade de Letras) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras. – Goiânia, 2009. 188f. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2849>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

LAJOLO, M. ; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LEITE, L. C. M. *O foco narrativo*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARTHA, A. Á. P. A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 9-16, abr./jun. 2008.

MARTHA, A. Á. P. Temas e formas da narrativa juvenil brasileira contemporânea. *Anais do SILEL*, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 1-9, 2011.

PASAVENTO, S. J. *A revolução Farroupilha*. 3. ed. Brasília: Brasiliense, 1990.

RIZZON, C. G. *Fronteiras da alma de um caudilho assinalado: histórias e ficções de Antônio de Souza Netto*. 174f. Tese (Programa de pós-graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RUAS, T. *Minuano*. 2. ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2014.

RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RUAS, Tabajara. *Os varões assinalados*. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SILVA, M. C. da; SOARES, J. de S. Prêmio FNLIJ “O Melhor Projeto Editorial”: elementos da materialidade no livro de literatura para crianças. *FronteiraZ*, São Paulo, n. 24, p. 138-152, jul. 2020.

SOUZA, R. C. de S. *A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas. – Rio de Janeiro, 2015. 459f. Disponível em: <<https://objdig.ufrj.br/25/teses/835887.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SOUTHERN BRAZIL IN ARMS: TABAJARA RUAS AND MINUANO

ABSTRACT

This paper provides a brief analysis of the novel *Minuano* (2014) by the writer, Tabajara Ruas (1942-), produced by the BesouroBox publisher. In the context of Brazilian children's literature, the narrative is approached both under the thematic focus - focused on the presence of armed conflict in texts for young readers - and for aesthetic components - considered from aspects such as intertexts and the dialogue with historical facts. As a theoretical contribution, studies by Cruvinel (2009), Lajolo and Zilberman (1999), Martha (2008) and (2011), Souza (2015), Cotrim (1999) and Pasavento (1990), among others were used.

Keywords: Literature; War; Tabajara Ruas.

Recebido em: 03/10/2020

Aceito em: 12/11/2020